

## **PARA UMA REVALORIZAÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA E ESTÉTICA DO SER NOS ROMANCES DE VIRGÍLIO FERREIRA OU DA PRESENÇA DA ARTE (E DAS ARTES) NO ROMANCISTA**

**João Décio**

Uma consciência artística do mundo é sempre uma consciência de esplendor, de plenitude, de harmonia e de paz. Assim se nos revelam os personagens dos romances de Vergílio Ferreira. Inserem os momentos de milagres, de breves aparições da arte, e somente com eles, consegue-se ser inteiro, ser uno.

Tais milagres e aparições constituem o processo de transcendência do ser, a substituir a transcendência religiosa ou a arte a substituir a religião ou a arte a ser tornar religiosa. Assim, o transcendente imanente à apreensão artística do mundo é que confere ao ser um equilíbrio, um momento de felicidade, uma vitória sobre o contingente.

Assim, a “aparição” do ser a si mesmo se opera nos instantes (que são sempre instantes-limite) e constitui-se sempre num momento de desligamento, derivado da intensa vivência da arte.

Mas em que altura rigorosamente o transcendente artístico substituiu o religioso no romance de Vergílio Ferreira, e como se opera a visão do personagem, a partir desta nova consciência do ser a criar, obviamente, um novo mundo?

Nesta altura os personagens começam a se entender na medida em que todos têm uma consciência artística do mundo e a compreensão deste fato me parece basilar para se entender a problemática posta em termos do romance de Vergílio Ferreira.

O primeiro romance em que o ficcionista nos revela uma aguda consciência artística do ser no mundo é *Cântico Final* onde alguns personagens aparecem, movendo-se no plano da arte e somente durante nela, têm a sensação da plenitude, do equilíbrio diante de si e diante dos outros.

Mário, personagem principal é um pintor, já perturbado por um pertinaz tumor maligno e sente que deve dedicar seus últimos anos de vida a pintar o teto de uma capela.

Nos momentos em que está entregue à atividade artística, Mário sente-se em plenitude e em harmonia e ao lado dele, outros personagens também dedicados à arte procuram se entender na medida em que têm sensibilidade artística semelhante. Vergílio Ferreira em *Cântico Final* parece acolher a idéia de que somente as criaturas que têm sensibilidade numa mesma direção (a artística) é que se podem entender num plano de raiz. Paula é uma escritora, autora já de alguns romances e com ela Mário se entende, pois com ela consegue dialogar e é desta forma que ele também se entende com Elsa, bailarina e inclusive com ela vem a ter um caso de amor.

Voltando a Mário, cuja vocação era a pintura, para poder sobreviver economicamente, é obrigado a dar lições de desenho num liceu, atividade que o desvia de uma entrega total à vivência artística. Os dois planos, o da arte e o do cotidiano se mesclam, mas evidentemente é o primeiro que a personagem e o romancista valorizam. E neste plano ele dialoga com Paula, a escritora, mulher de rara sensibilidade, casada com um médico, Cipriano.

Mário ainda como dissemos, se dimensiona na direção de Elsa, bailarina clássica cuja entrega à dança e ao ballet é total. Inclusivamente, um dos momentos de transporte, de aparição, de “milagre” se opera quando Mário vê Elsa dançar, ilustrando-se então o plano da transcendência possibilitado pela arte.

O romance ainda apresenta uma série de discussões sobre a validade e a importância da Arte, de que participam algumas figuras de idéias avançadas e outras, mais tradicionais. Rebelo e Ramiro, por exemplo, são outros personagens que debatem problemas artísticos, da mesma forma que estudam a possibilidade ou não de a arte chegar ao povo.

De qualquer forma, a presença da preocupação ora pessoal ora coletiva com a arte, suas possibilidades e limitações, é uma constante em *Cântico Final*, o próprio nome do romance, aliás, a lembrar a dimensão da arte através da música.

Em *Aparição*, o romance mais expressivo e mais discutido de Vergílio Ferreira, igualmente aparece a arte, agora vivida na música tocada ao piano pela menina Cristina é que dimensiona a assunção do ser no transcendente artístico.

Alberto Soares, principal personagem do romance, para quem Deus se lhe gastou, não aceita o transcendente religioso e só supera o contingente, no momento de estreita ligação com a arte, no caso a música. E, sem nunca ter conversado com a menina Cristina, comunica-se com ela numa dimensão de pureza, no plano da música, não maculado pela presença das palavras. É o que se observa a certa altura do romance:

“Toca ainda, Cristina. Do alto de uma janela, à esquerda do piano, desce a última claridade da tarde. E é para mim uma aparição essa alegria que me ignora e sorri da luz para Cristina, para os objectos da sala. Toca ainda, Cristina. E que estarás tudo tocando? Bach? Mozart? Não sei. Sei apenas que é belo ouvir-te tocar nesta breve hora de Inverno, neste silêncio fechado como uma pérola” (*Aparição*, p. 183).

Além disso é em *Aparição* que se põe o problema do ser não poder localizar no tempo quando a arte começou a impressioná-lo ou mesmo quando tudo começou ou terminou no tempo:

E desde quando o sei, desde quando? A verdade aparece e desaparece. Deus, a imortalidade e uma ideologida política e a sedução de uma obra de arte e a sedução de uma mulher — onde começam? onde findam? (*Aparição*, p. 46).

A presença da Arte em geral nos melhores romances de Vergílio Ferreira assinala a idéia defendida por ele num dos seus ensaios: que é impossível pensar-se num mundo fora da arte, num mundo não-estético.

Em *Cântico Final*, inclusive reafirma-se a presença do ser assumido no plano da arte a mais profunda dimensão da eternidade:

“Mas se um filho se reconhecia na perene e oculta elaboração do universo, a arte era a evidência original de tudo o que é vivo e verdadeiro, era assim a sagração do próprio acto criador: o que havia num filho, e no amor, na promessa e na amargura — a aparição inicial do alarme e do sangue a arte o evidenciava e corporizava e transmitia”... (*Cântico Final*, p. 222).

Assim, a música, a pintura, a dança, a poesia, a arquitectura, a arte em geral enforma e informa a vida dos personagens dos romances de Vergílio Ferreira e lhes dá senão uma solução, uma possibilidade de assumirem e suportarem a vida.

Em alguns momentos a presença da música coloca o ser em situações extremas, passado de uma intensa alegria a uma serena tristeza. Músicas extremas, sensações e sentimentos extremos:

Mas agora, nenhum rumor. Só a música. Vem pela janela, multiplica-se nos ocos da serra, avoluma-se no espaço. Mas é uma música suave, direi mesmo delicada. Lembra-me os veios de água pela Primavera, as flores alegres dos campos. Estarei alegre? Um acesso de ternura. Passa como onda na aragem fria. De quem esta paz? Música triste como uma alegria desesperada.

Nesta altura percebemos claramente alguns aspectos: a música servindo a todo um longo processo de saudade, de recordações; revela um intenso conhecimento sensorial (auditivo naturalmente) da realidade e situa-se a música numa dimensão de extremos o que leva a uma certa realidade paradoxal: “música triste como uma alegria desesperada”. Ainda mais, a música lança o ser a uma vivência extremada da realidade.

A presença da Arte ainda tem a qualidade de lançar o personagem a um plano de supra-realidade, fazendo-o superar e transcender o plano da vivência cotidiana, do dia-a-dia. Assim é que um é o plano terra a terra da história no romance de Vergílio Ferreira, outro é o plano superior, transcendente, poético que o coloca além e acima da realidade comum e vulgar. É pelo sentimento estético, artístico do mundo, que o ser se diferencia extremamente do comum dos seres, daí a enorme importância do enquadramento artístico do ser nos romances de Vergílio Ferreira, especialmente de *Cântico Final*, de *Alegria Breve*, de *Aparição* e de *Nítido Nulo*.

Assim, dois mundos paralelos parecem percorrer os romances de Vergílio Ferreira: um, o doméstico, o cotidiano, que se revela no plano da pura história, do mero enredo; outro, o da consciência do mundo, ao nível de uma posse do mesmo, no plano da arte. Aqui, o personagem assume as suas angústias, a sua dor, a possibilidade da morte e encontra algumas tréguas de bem-estar, de felicidade, possuindo e sendo possuído por uma dimensão artística, por uma dimensão estética.

Assim é que a arte (nas suas mais variadas manifestações) estabelece um limite entre a vida chamada “real” do personagem e a vida “supra-real”, entre a chamada “prosa prosaica” e a “prosa poética”. Sente-se no romance de Vergílio Ferreira a presença do poético, pelo carácter original, virginal e único que a palavra adquire em não poucos momentos de seus romances. Aliás, já tivemos ocasião de chamar a atenção para o carácter poético da ficção de Vergílio Ferreira, a enfatizar sempre um “eu” debruçado sobre si mesmo e abissalmente

assumindo a sua angústia, a inverossimilhança da morte e o absurdo da vida.

Mas a presença de uma consciência artística nos mais expressivos romances de Vergílio Ferreira, confere a seus personagens caracteres de seres de elite, de seres de exceção. E retira-lhe naturalmente a possibilidade de o romance em questão ser um romance popular. Sim, porque é a exceção que vive a vida numa dimensão artística, seja através da música (Bach, Mozart, Beethoven e outros), da pintura (Picasso, Braque, Modigliani, e outros), ou da literatura, da pintura ou da arquitetura. Há uma preocupação evidente do personagem Alberto Soares com as paredes brancas de Évora ou com as ruínas dos arcos de Diana. Tudo isto está integrado no ser como assunção de uma realidade de caráter totalizante, especialmente no poder da música, a mais sugestiva e completa das artes:

Toca, Cristina. Eu ouço. Bach, Beethoven, Mozart, Chopin. Estou de lado, ao pé de ti, sigo-te no rosto a minha própria emoção.

Toca mais uma vez ainda, Cristina. Agora só para mim. Eu te escuto aqui, entre os brados deste vento de inverno. Chopin, Nocturno n.º 20. Ouço, ouço. As palmeiras balançam no teu jardim, a noite veste-se de estrelas, adormece na planície. Dpnde este lamento, esta súplica. Amargura de sempre, Cristina, tu sabe-la. Biliões e biliões de homens pelo espaço dos milênios e tu só, presente, a memória disso tudo e a dizê-la" (p. 41).

Até aqui destacamos a presença da problemática da Arte (e das Artes) em um que outro momento dos romances de Vergílio Ferreira. Contudo, a preocupação com o assunto não constitui privilégio de sua ficção. Em artigos que darão continuidade a esta série, ao mesmo tempo que tentaremos evidenciar a presença da arte ainda nos romances, discutiremos o problema presente nos livros de ensaios de Vergílio Ferreira, *Invocação ao meu corpo*, *Espaço do Invisível* e *Carta ao Futuro*.